

PEQUENAS VITÓRIAS

As pequenas vitórias,
as feridas e os medalhões,
os pequenos nada,
tudo isso me faz pensar que um dia...
(Parte da letra de A Small Victory de Faith No More, 1992)

No processo criativo, ser bem sucedido é raramente um evento súbito. É, antes, uma acumulação de resistências. A exposição, Pequenas Vitórias, mergulha no território invisível onde o artista luta contra a matéria, o tempo e a dúvida.

A letra de Small Victory (Faith No More) lembra-nos de que a “salvação é apenas mais uma oportunidade”. No atelier, essa oportunidade renova-se a cada tela em branco ou em cada começo de uma nova escultura. O artista é aquele que, como diz a canção, trabalha num “ritmo constante, num tom constante”, persistindo mesmo quando o mundo exterior parece não ouvir.

Cada obra aqui apresentada é o resultado de um combate. Há Triunfo sobre a Inércia que implica uma decisão de começar, de organizar a “insignificância da derrota” e trabalhar, transformar o caos em intenção. Há Conquista da Forma porque existe o momento em que a tinta e o material plástico se tornam expressão. Há a Superação do Erro e aceitar tudo aquilo que “não nos deveria incomodar, mas incomoda” — e usar esse desconforto como arma para o próximo traço/pensamento.

Estas não são vitórias monumentais que procuram aplausos fáceis, são pequenos “troféus” silenciosos de quem sabe que o ato de criar é, por si só, uma forma de sobrevivência e de preparação para a próxima batalha. Entre pinturas e esculturas, testemunhamos o rasto dessa luta. Aqui, cada peça deve ser escutada porque, perante o silêncio da derrota, o artista escolhe continuar a falar e a cantar.

José Batista Marques
Lisboa, 2026.